

## O DESMONTE DAS SUBJETIVIDADES SOB A VIOLÊNCIA DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.

Angela Caniato – Universidade Estadual de Maringá (UEM).  
ampicani@onda.com.br

*Não há dúvidas que o conteúdo desse trabalho tem como pano de fundo a compreensão da subjetividade dos indivíduos e de suas relações com a sociedade tal como examinadas por Freud em suas célebres obras “Lo siniestro”(1919), “Más allá del Principio del Placer” (1920), “Psicología de las Masas”(1921) e “El Malestar en la Cultura”(1930) e a compreensão dos “Musulmáns” descritos por Agamben em “Lo que queda de Auschwitz”.(2005)*

No mundo contemporâneo a sobrevivência dos homens – de suas identidades, dos vínculos de amparo e de respeito às diferenças e às alteridades – está sob a ameaça de extinção por que a cultura – o *ethos* humano – está atravessada pela **violência**. A barbárie administra os “estados de exceção” (Agamben, 2007 e Primo Levi, 2004) que hoje atuam mais ou menos escamoteados, alastrando o autoritarismo e a produção de códigos de valores que são antagônicos à vida. A tecnologia da destruição e suas sinestias, tal como os “bombardeios pacificadores” (Alba Rico, 2007), jogam os indivíduos na desculpabilização da “moralidade técnica” que corrompe as leis de convivência social ao transformar a crueldade de atos violentadores em justificativas cínicas regidas pela “ética da obediência” (Bauman, 1998). A banalização da violência (Arendt, 2000 – “banalidade do mal”) se impõe na contemporaneidade como a lei soberana na articulação das relações coletivas.

Não há intenção neste estudo de esgotar a complexidade da violência e da barbárie, mais ou menos explícitas, vividas pelos homens na contemporaneidade, em especial, porque há muitas farsas hipócritas a serem desveladas por detrás do arcabouço de chumbo ou de papel celofane que encobre a falácia das ditas democracias - ou mesmo por que permitidas por elas - e sob a égide da exaltação de supostos direitos humanos, porque quase nunca respeitados. São atozes, não há dúvida, as injunções perversas e disruptivas que atravessam o processo de socialização na contemporaneidade, diante dos quais os cientistas não poderiam estar alheios. Em especial, porque eles são uns dos que podem/devem **denunciar a desumanização a que todos estamos expostos** e, com essa ação, inverter a culpabilização que vem sendo imputada aos indivíduos. Os professores/escola e os pais/família são acusados de omissão e tidos como os responsáveis por alguns aspectos disruptivos do processo de socialização, que há muito esta mesma sociedade já fez destruir e hoje volta a cobrar deles: a exigência de disciplina e limites. Mas, de fato, cada vez mais a sociedade prescinde destes valores e até prefere que os indivíduos sejam desregrados e onipotentes. Desloca, porém, para eles a acusação de omissos e fragiliza mais ainda os pais por não estabelecerem limites para os filhos e aos educadores por que não estariam dando conta da indisciplina na escola. Difamação culpabilizadora, apenas, esvaziadora do papel social destes agentes - porque não interessa à sociedade que pais ou professores exerçam a tarefa de serem referenciais de autoridade e de servirem de amparo para seus filhos e alunos -, quer sejam eles crianças ou quer sejam adolescentes.

Não há preocupação na forma de vida em sociedade se os indivíduos não estão vinculados por laços afetivos entre si e nem que desenvolvam a capacidade de pensar com a ajuda e orientação de quem quer que seja. Não é desejado que os homens sejam fortalecidos por relações de proteção e cuidados inerentes à disciplina, à imposição de valores, ao fortalecimento de um coletivo por laços de amizade e solidariedade e quanto menos em conseguir pensar criticamente. É preciso que os indivíduos sejam “livres e independentes”, isto é, solitários e, portanto, vulnerabilizados para melhor serem cooptados como condutores privilegiados ou conduzidos massacrados pelo único sujeito social que verdadeiramente é soberano: o SENHOR CAPITAL (Carone, 1991). A sociedade atual necessita de

homens altamente individualistas, que não respeitem a alteridade e a diferença entre os indivíduos. A única ordem social a ser obedecida é a de não-ter-limites, portanto serem impulsivos e radicais. Não devem exibir quaisquer restrições diante das múltiplas performances que lhes são demandadas na sociedade. Precisam estar antenados para potencializarem suas diferentes ambições e habilidades como heróis, para serem os cooptados “privilegiados” na produção da ganância ou se conformarem à condição de condenados a sucumbir aos ditames da avareza na miséria. Em poucas palavras, vivemos todos sob a égide da **VIOLÊNCIA** em suas diferentes nuances e sob o **SOFRIMENTO PSICOSSOCIAL** (Caniato & Castro, 2004).

Pretendemos, então, levantar algumas questões/problemas que entendemos devam ser abordadas de forma crítica a partir de uma preocupação inicial do que seja verdadeiramente humano. Certamente não é fácil, mas talvez possa ser facilitador atingir uma perspectiva realista do homem atual, com a maior ou menor clareza de consciência que se possa ter, para admitir que **todos** estamos vivendo emergidos nesta forma contemporânea de ser homem e inseridos numa ordem social que quase obriga a todos a dar obediência e adesão a certas falácias destruidoras do ser homem. Se quisermos, paradoxalmente, permaneceremos vivos, mesmo que sob muito sofrimento, de certa forma, temos que seguir o “o bando ou quiçá a turba dos felizes sofredores”, apegados à produção e ao consumo de mercadorias.

É, apenas, sob certa possibilidade de “podermos nos afastar”, isto é, não dar por definitiva esta nossa forma de inserção social que esta perspectiva aparentemente óbvia e simples de análise se transforma em um importante dificultador. Ela revela/exige muita persistência e dedicação de quem pretenda usar da astúcia e criticidade inerentes ao pensar humano para adentrar nos meandros da sociedade da “flexibilidade” (Sennett, 2001) e nela identificar os seus ardis. Isto porque, cada um de nós que nos propomos a realizar esta análise, necessitamos primeiro libertar nossa consciência das profundas distorções de valores que regem a vida dos homens na atualidade, principalmente, porque imbricados no *status quo* no qual o “ter” (dinheiro) substituiu o “ser”(homem). É muito difícil escapar da naturalização destes valores que atravessam as relações sociais e que nos jogam na **banalização das múltiplas maledicências e morbidades** (Arendt, 2000; Bauman, 1998 e Dejours, 2000), sob as quais apenas sobrevivemos. Pior ainda, porque internalizados e fortemente enraizados em nossa estrutura psíquica e, pior ainda, por que supomos, enganosamente, serem tais exigências provenientes do nosso mundo interno. Ainda nos mutilamos mais nessa autopunição (Freud, 1981b, “sentimento inconsciente de culpabilidade”), quando não correspondemos às performances socialmente cobradas. Cada um e todos reproduzimos no cotidiano de nossas relações psicossociais as diferentes nuances desta violência, mesmo que de forma não-intencional, sem o desejar e querer - como contingência necessária - tornando-nos **cúmplices**, mesmo que inconscientemente, da barbárie em que todos vivemos na contemporaneidade. Assim o fazemos porque estamos sob a proibição de reagir e de nos defender sob a mais-repressão social. Vejamos o que sobre isso nos diz Freud:

*A qué recursos apela la cultura para coartar la agresión que lê es antagónica, para hacerla inofensiva y quizá eliminarla? Ya conocemos algunos de estos métodos, pero seguramente aún ignoramos el que parece ser más importante. Podemos estudiarlo en la historia evolutiva del individuo. Qué le ha sucedido para que sus deseos agresivos se tornaran inocuos? Algo sumamente curioso, que nunca habríamos sospechado y que, sin embargo, es muy natural. La agresión es introyectada, internalizada, devuelta en realidad al lugar de donde procede: es dirigida contra el propio yo, incorporándose a una parte de este, que en calidad de super-yo se opone a la parte restante, y asumiendo la función de ‘conciencia’[moral], despliega frente al yo la misma dura agresividad que el yo, de buen grado, habría satisfecho en individuos extranños. La tensión creada entre el severo super-yo y el yo subordinado al mismo la calificamos de sentimiento de culpabilidad: se manifiesta bajo la forma de necesidad de castigo. Por consiguiente, la cultura domina la peligrosa inclinación agresiva del individuo, debilitando a este, desarmándolo y*

*haciendolo vigilar por una instancia alojada en su interior, como una guarnición militar en la ciudad conquistada* (Freud, 1981b, 3053-grifos nossos).

Como reverter este caos? Que novo homem pode se tornar, verdadeiramente, o agente de **FELICIDADE** em uma outra cultura na qual não mais seja preciso seguir a reboque dos ditames propostos/impostos por uma minoria dominante? Como escapar da Indústria Cultural que constrói modelos identificatórios que são internalizados/apropriados pelos indivíduos por que são exigidos para a manutenção do *status quo*? (Adorno, 1986a). A humanidade atual está vivendo o apogeu da destruição/subalternização das expectativas humanas de felicidade sob a coerção das regras atuais do neoliberalismo e do individualismo exacerbado. A sociedade do dinheiro vem fazendo da **guerra** instrumento de ganhos econômicos e a banalização do belicismo (Alba Rico, 2007) retira de cada um e de todos a culpa por destruir o outro homem, numa justificativa ingênua, mas poderosa, de que é preciso eliminar o “inimigo objetivo” Esse é o “terrorista” que deve ser morto (Arendt, H. apud Lafer, 1979, Chomsky, 2002) e/ou aquele “inimigo da pátria” ou pobre-favelado que recebe uma alcunha/estigma de maledicência de uma “categoria de acusação” (Velho, 1987). A destrutividade entre os homens se espalha...

Animemo-nos com o que diz Bertold Brecht para que possamos cumprir com a tarefa histórica que está sendo delegada para o homem atual, envolto na perspectiva de extinção da humanidade:

*“Há homens que lutam um dia e são bons  
Há outros que lutam um ano e são melhores  
Há os que lutam toda vida  
Estes são os imprescindíveis.”*

É possível mudar, embora não seja fácil por que as forças do dinheiro, tornadas superiores aos homens, atravessam todos os poderes do estado: executivo, legislativo, judiciário, policial e militar, disseminando a violência sob o manto destes poderes soberanos que são aliados aos grandes mandatários do sistema capitalista. A **violência de Estado** - violação dos direitos humanos - é justificada como segurança nacional e mata ou silencia aqueles que ousam se rebelar contra o instituído socialmente. Pobres cientistas- educadores, entram na luta e são desaparecidos/mortos (Caniato, 1995) ou perdem a esperança de poderem construir uma sociedade mais justa e para a Paz. É assim que entendemos a tarefa árdua de mudança por meio de uma educação emancipatória (Adorno, 1995): exige uma análise cuidadosa dos valores éticos-políticos que atravessam o exacerbado e enraizado individualismo que regula a construção das subjetividades atuais e sustenta as relações de **simbiose narcísica** (Freud, 1921/2005) entre os indivíduos sob o comando desta tirania. É terrível essa equalização (destruição das individualidades e proibição de troca entre diferentes), sob as quais todos se tornam **pseudo-indivíduos padronizados** (Adorno, 1986 b).

Se inexistente a possibilidade de troca entre diferentes, se a alteridade é negada e enrustida sob a proibição de se manifestar, como aproximar os homens entre si e fortalecer suas especificidades verdadeiras do desejar, sentir, pensar e agir e promover o acolhimento entre os parceiros? Como conseguir adeptos de uma forma de vida que não mais condene o homem à solidão se vivemos numa sociedade em que o **investimento amoroso no outro humano – parâmetro básico para a felicidade humana** – está sob proibição e suspeita de obscenidade (Caniato, 2003): tais sentimentos estão deslocados para o apego à mercadoria que integra a todos no “estilo de vida consumista”?

É certo que vivemos num *ethos* cultural hostil ao humano dos homens, ao contrário do que deveria ser, já que a função primordial da cultura seria a de dar **PROTEÇÃO** aos homens. Entretanto o homem está, de fato, expropriado de si-mesmo desde sua inserção no mundo do trabalho – condição

*sine qua non* de sua humanidade – (Leontiev, 1978), quando é obrigado a se tornar um herói-flexível (Caniato, Cesnik e Araújo, 2004) na super-competição. Os postos de trabalho estão cada vez mais escassos em função das novas organizações da produção mais rentáveis e se ele não tiver dinheiro para consumir será tratado como incompetente ou vagabundo e, talvez, como bandido se permanecer na pauperização a que a grande maioria está condenada, à priori e à revelia de qualquer esforço pessoal. Viver em condições sub-humanas de atendimento às necessidades básicas constitui-se em norma social dos excluídos, embora recebam a pecha e estereotipia de serem a “classe perigosa” porque sem ocupação (Coimbra, 2001). O culto a dor, ao sofrimento e ao agüentar a opressão calado é uma potente força de manutenção do **conformismo** e, no dizer de Adorno (1986 a), expressa o alto grau de tirania e arbítrio a que os homens estão se permitindo submeter.

Como reverter esta exclusão/inclusão opressiva numa sociedade que, cada vez mais consegue adeptos, apesar de regida ostensiva ou camufladamente pelas leis da mentira (Caniato, 2007) com suas promessas de “vida fácil”, desde que sigamos seus dogmas hipócritas de “independência dos indivíduos”, de culto ao viver sem limites e de apologia do ser-solitário? O homem está vivendo atado a uma sociedade que lhe destruiu suas potencialidades para a autodeterminação, que invade sua vida privada e a expõe publicamente de forma vil e banalizada em nome de uma suposta verdade do ser-transparente. Uma sociedade que captura a grande maioria de incautos, normatizando todos os seus desejos, sentimentos e pensamentos, mantendo-os sob controle e vigilância sociais contínuas (Caniato e Nascimento, 2008) que são naturalizadas pela mídia e pela propaganda (vide os *reality shows*, ‘sorria você está sendo filmado’, etc) e que cada vez mais atuam de forma acintosa sob o manto violento e encobridor de promover segurança?

Neste breve esboço do homem atual residem os sinais de sua desumanização que estão a exigir o desenvolvimento de **consciências críticas capazes de resistir e cooperar na construção de uma educação emancipatória** (Adorno, 1995) que possa vir a destruir os grilhões que acorrentam a violência desta farsa de “civilização moderna”, que de fato se constitui no desamparo do “salve-se quem puder”. A sociedade atual se assenta, apenas, em falsos julgamentos de atribuição de mérito às conquistas da modernidade, do consumismo e da mercadoria.

Como o indivíduo vem se entregando à tirania das forças destrutivas da inconsciência psíquica (ser herói, por exemplo), sem poder contar com uma autoridade interna (superego) que o oriente e proteja? Como sair desse abandono de si, acionar narcisicamente a sublimação - seu pensamento crítico - numa busca sujeito de novas formas de relações entre os indivíduos? Como resistir e deixar de ser esvaziado de sua tenaz busca de felicidade, do suporte do amor na supressão de seu desamparo original - tão fortemente exibido quando o ser humano ainda é um bebê de colo junto à sua mãe – deixando-se cair na armadilha social que exige dele a separação competitiva dos demais indivíduos (individualismo)?

A tarefa de rever os fundamentos éticos-políticos nos quais estão pautadas as relações entre os homens ultrapassa os limites da escola e da família e envolve todos os cientistas e profissionais das ciências humanas. Sabemos que as instituições educativas, em especial a família e a escola, estão sob destruição social e colocadas no ostracismo, como todos os indivíduos estão. Sabemos que tal contingência produz fragilizações/vulnerabilizações das subjetividades – segundo Adorno (1986c), transformadas em “máscaras mortuárias” e pseudo-indivíduos. Certamente, esses homens são mais facilmente capturados pela **violência simbólica** do grande agente atual de educação que é a **MÍDIA**, com seu grande poder de difusão e formação de mentalidades. Uma mudança exige a reversão desses agentes sociais atuais e dos valores morais, no sentido de que o homem não mais se deixe subordinar a oligarquia nefasta do dinheiro (Mariotti, 2000) e possa tomar as rédeas de condução da cultura. Enquanto persistir essa mentalidade que mantém o *status quo* consumista, estaremos diante do

aprofundamento da destruição do humano dos homens, transformados cada um em “máscara mortuária”, embalsamada pelo fetiche do mundo das mercadorias. O poema “Eu Etiqueta” de Carlos Drummond de Andrade retrata claramente a perversão do culto à exterioridade mercadológica. Pois vejamos

### EU ETIQUETA

*Em minha calça está grudado um nome  
que não é meu de batismo ou de cartório, um nome... estranho.  
Meu blusão traz lembrete de bebida que jamais pus na boca, nesta vida.  
Em minha camiseta, a marca de cigarro que não fumo, até hoje não fumei.  
Minhas meias falam de produto que nunca experimentei  
mas são comunicados a meus pés.  
Meu tênis é proclama colorido de alguma coisa não provada  
por este provador de longa idade.  
Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro,  
minha gravata e cinto e escova e pente, meu copo, minha xícara,  
minha toalha de banho e sabonete, meu isso e meu aquilo,  
desde a cabeça ao bico dos sapatos, são mensagens,  
letras falantes, gritos visuais, ordens de uso, abuso, reincidência,  
costume, hábito, premência, indispensabilidade,  
e fazem de mim homem-anúncio itinerante,  
escravo da matéria anunciada  
Estou, estou na moda.  
É doce estar na moda, ainda que a moda, seja negar a minha identidade,  
trocá-la por mil, açambarcando todas as marcas registradas,  
todos os logotipos do mercado.  
Com que inocência demito-me de ser eu que antes era e me sabia  
tão diverso de outros, tão mim-mesmo, ser pensante, sentinte e solitário  
com outros seres diversos e conscientes de sua humana, invencível condição.  
Agora sou anúncio, ora vulgar, ora bizarro,  
em língua nacional ou qualquer língua (qualquer principalmente)  
E nisto me comprazo, tiro glória da minha anulação.  
Não sou – vê lá – anúncio contratado. Eu é que mimosamente pago  
para anunciar, para vender em bares, festas, praias, pérgulas, piscinas  
e bem à vista exhibo esta etiqueta global no corpo que desiste  
de ser veste e sandália de uma essência viva, independente,  
que moda ou suborno algum a compromete.  
Onde terei jogado fora meu gosto e capacidade de escolher,  
minhas idiosincrasias tão pessoais, tão minhas que no rosto se espelhavam,  
e cada gesto, cada olhar, cada vinco de roupa resumia uma estética?  
Hoje sou costurado, sou tecido, sou gravado de forma universal,  
saio da estamparia, não de casa, da vitrine me tiram e recolocam,  
objeto pulsante, mas objeto que se oferece como signo de outros  
objetos estáticos, tarifados.  
Por me ostentar assim, tão orgulhoso de ser não eu, mas artigo industrial,  
peço que meu nome retifiquem. Já não me convém o título de homem,  
meu nome é coisa.*

*Eu sou a coisa, coisamente.*

É importante que os profissionais da educação se dêem conta que na atualidade não são mais os pais nem os professores os agentes privilegiados da socialização. Torna-se necessário evitar as querelas acusatórias que vem pervertendo e enfraquecendo cada vez mais a relação família-escola, e, conseqüentemente, a possibilidade de exercício de autoridade de pais e professores com os seus filhos/alunos. De fato, deveriam estar sendo mais bem analisadas as diferenças que distinguem os papéis sócio-educativos destas duas instituições, melhor delimitados seus âmbitos específicos de ação. Não podemos para humanizar a educação desumanizar os educadores, cobrando-lhes o que ultrapassa seu papel social específico e seus limites pessoais! Quiçá, possam os educadores conduzir o processo ensino-aprendizagem sob relações harmoniosas em que eles venham a ser um referencial para os alunos e que a família possa, quiçá, recuperar seu *locus* privilegiado de canalizador da construção da integridade/autoridade individual e de proteção social de seus membros. (Adorno, 1993).

Urge a imposição de um limite protetor às crianças e adolescentes a fim de poder “conter e valorizar seus opositores internos como uma fonte salutar de energia e criatividade” - suas **agressividades integradoras** (Figueiredo, L.C. , 1998- p.62), regidas pelo mundo da **VIDA** – que, certamente, os construirão homens com a força integradora capaz de superar as atuais vivências dos indivíduos atados a vínculos auto-punitivos e de caráter sadomasoquistas. (Freud, 1930/1981b e 1921/2005).

Quais os novos princípios éticos-políticos que devem substituir esta desumanização dos indivíduos, quando as relações entre os homens estão regidas pelas leis do dinheiro e da mercadoria que se concretizam na prática do “salve-se quem puder”, “não estou nem aí”, “tô fora” e outras mais tão destrutivas dos indivíduos e de suas relações em sociedade?

A proclamação que segue abaixo é um apelo de luta e uma constatação de que alguma mudança já vem despontando como possível. Sigamos o que, entre outros, nos fala Ignácio Ramonet (2004) em seu texto **RESISTÊNCIA:**

*Resistir é dizer não. Não ao desprezo. Não à arrogância. Não ao esmagamento econômico. Não aos novos senhores do mundo. Não ao poder financeiro. Não ao G8. Não ao “consenso de Washington”. Não ao mercado totalitário. Não ao livre-câmbio integral. Não ao domínio do “Pôquer do Mal” (Banco Mundial, FMI, OCDE e OMC). Não ao hiperprodutivismo. Não aos transgênicos. Não às constantes privatizações. Não à extensão irresistível do setor privado. Não à exclusão. Não à discriminação sexual. Não à regressão social. Não ao desmantelamento da previdência social. Não à pobreza. Não às desigualdades. Não ao esquecimento do Hemisfério Sul. Não à morte de 30 mil crianças pobres diariamente. Não à destruição do meio ambiente. Não à hegemonia militar de uma única hiperpotência. Não à guerra preventiva. Não às guerras de invasão. Não ao terrorismo. Não aos atentados contra a população civil. Não a todos os racismos. Não ao anti-semitismo. Não à islamofobia. Não à paranóia da segurança. Não à vigilância generalizada. Não ao policiamento das idéias. Não à degradação cultural. Não às novas formas de censura. Não aos meios de comunicação mentirosos. Não à mídia que nos manipula.*

*Resistir é também poder dizer sim. Sim à solidariedade entre os seis bilhões de habitantes do nosso planeta. Sim aos direitos da mulher. Sim a uma ONU renovada. Sim a um novo Plano Marshall para ajudar a África. Sim a erradicação definitiva do analfabetismo. Sim a uma ofensiva internacional contra a desigualdade de acesso à informação digital. Sim a uma moratória internacional em favor da preservação da água potável. Sim aos medicamentos genéricos para todo o mundo. Sim a uma ação decisiva contra a AIDS. Sim à preservação das*

*culturas minoritárias. Sim aos direitos dos indígenas. Sim à justiça social e econômica. Sim a uma Europa mais social e menos mercantil. Sim ao consenso de Porto Alegre. Sim a uma Taxa Tobin para ajudar os cidadãos. Sim a um imposto sobre a venda de armas. Sim à suspensão da dívida externa dos países pobres. Sim à proibição de paraísos fiscais.*

***Resistir é sonhar que outro mundo é possível. E contribuir para construí-lo.***

Esta é uma tarefa hercúlea que pede a **colaboração de uma outra educação e de uma outra escola e de uma outra família...** A amplitude da mudança exige a participação de muitos outros níveis da sociedade.

Em síntese: o homem está vivendo numa sociedade que o transformou em lixo e em “vida desperdiçada” as criaturas humanas e seus ideais (Bauman, 2005). Para tanto, a sociedade utiliza diferentes e poderosas estratégias de violência condizentes com a fragilização dos indivíduos e com a destruição de vínculos solidários nas relações coletivas (Bauman, 2004).

São poucos os intelectuais da Psicanálise – pelo menos no Brasil – que não olham com desdém para análises dessa natureza. Alheios ao que passa a sua volta (**visão de avestruz**), alguns até se ofendem quando, do alto de suas sapiências onipotentes, são flagrados na **invasão imanentista do outro** no cotidiano de suas práticas profissionais. Embebidos nas ideologias que impregnam a ciência que teorizam e resguardados pela suposta neutralidade de suas práticas, levam de roldão seus **clientes – vítimas** a aceitarem, adaptarem-se e conformarem-se ao *modus-vivendi* hostil do *ethos* cultural da chamada modernidade, culpabilizando-os. Vejamos o que sobre isso nos falam Sylvia Leser de Mello e Maria Helena S. Patto no artigo-denúncia “*Psicologia da Violência ou Violência da Psicologia?*” (2008):

*Sem o entendimento rigoroso e bem fundamentado do que se passa na subjetividade e nas relações intersubjetivas numa sociedade concreta, e sem a consciência da imensa responsabilidade dessas práticas, esses profissionais podem lesar direitos fundamentais das pessoas e, no limite, colaborar para a negação de seu direito à vida. Um psicólogo que não adquirir a capacidade de pensar o próprio pensamento da ciência que pratica – ou seja, de refletir sobre a dimensão epistemológica e ética do conhecimento que ela produz- certamente somará in[con]sciente, com o preconceito delirante, a opressão, o genocídio e a tortura (p.594)*

Prefiro ficar atenta à dúvida criadora do que com a certeza cega, tendo a humildade como companheira, para poder errar e viver por ter o que perguntar e corrigir. Nesse momento, a discussão epistemológica da imanência *versus* heteronomia torna-se uma **questão ética**. Junto-me a Luiz Claudio Figueiredo (1995) para ouvir o que ele está refletindo:

*A clínica define-se, portanto, por um dado ethos: em outras palavras, o que define a clínica psicológica como clínica é a sua ética. [...] Talvez o clínico seja a **escuta de que o nosso tempo necessita para ouvir a si mesmo em que lhe faltam palavras. Se assim for, serão outros os padrões éticos a que deveríamos responder e a ética da ‘defesa do consumo’ estaria aqui completamente deslocada ( p. 40, grifos nossos).***

## REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. Indústria Cultural. In: Fernandes, F. (coord.), Theodor W. Adorno: *Sociologia* (Grandes Cientistas Sociais, 54), São Paulo: Ática. 1986a..p 92-99

ADORNO, T.W. e HORKHEIMER, M. Sobre música popular. In: Fernandes, F. (coord). Theodor W. Adorno: *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1986b. p.115-146

ADORNO, T. *Educação e Emancipação*. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. 190p. Título Original: *Orziehung zur Mündigkeit, Vorträge und Gespräche mit Helmutt*.

ADORNO, T.W. Crítica Cultural e Sociedade. In: Fernandes, F. (coord.), *Theodor W. Adorno: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1986c . p. 76-91.

ADORNO, T.W. *Mínima Moralia- reflexão a partir da vida danificada*. 2ed. Trad. Luiz Eduardo Bicca. São Paulo: Ática, 216p. Título Original: *Minima Suhrkamp Verlag*. 1993

ALBA RICO, S. *Símbolos y sinestias: el bombardeo pacificador*. In: *Rebelión*. Disponível em <http://www.rebelion.org/noticia.php?id=50146>. Acesso em: 28 dez. 2007.

AGAMBEN, G. *Lo que queda de Auschwitz*. 2ª edición corregida. Valencia, España :PRE-TEXTOS 2005.

\_\_\_\_\_. *Estado de Exceção*. São Paulo: Boitempo. 2007..

ARENDT, Hanna. *Eichman em Jerusalém. Um Relato Sobre a Banalidade do Mal*. Trad. José Rubens Siqueira, 1ª Reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 336p. Título Original: *Eichman in Jerusalem: A Report on the Banality of Evil*.

BAUMAN, Z. *Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2004.

\_\_\_\_\_. *Vidas desperdiçadas*. Trad. Wasted lives. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. Título Original: *Modernity and outcast*.

\_\_\_\_\_. *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

CANIATO, Angela Maria Pires. *A História Negada. Violência e Cidadania sob um enfoque psicopolítico. Tese de Doutorado*. São Paulo: Universidade de São Paulo. 324p. 1995

\_\_\_\_\_. *Da subjetividade sob sofrimento narcísico numa cultura da banalidade do mal*. In: *II Encontro Mundial dos Estados Gerais da Psicanálise*, 2003, Rio de Janeiro . *Artigos...* Disponível em:

<[www.estadosgerais.org/mundial\\_rj/download/5c\\_Caniato\\_18050803\\_port.pdf](http://www.estadosgerais.org/mundial_rj/download/5c_Caniato_18050803_port.pdf). Acesso em: 29 dez. 2007>.

\_\_\_\_\_. *A banalização da mentira como uma das perversões da sociedade contemporânea e sua internalização como destrutividade psíquica*. *Revista Psicologia e Sociedade*. Vol.3, 2007

\_\_\_\_\_ & CESNIK, Claudia C. & ARAÚJO, Juliana da S. *Perversão; A violência soberana impera na Vida privada dos Indivíduos e nas Relações entre os pares*. Trabalho apresentado no XIII Fórum Internacional de Psicanálise. Belo Horizonte, ago, 2004.

\_\_\_\_\_ & NASCIMENTO, Merly Luane Vargas. *A vigilância na contemporaneidade: seus significados e implicações na subjetividade*. *Revista de Psicologia da PUC-Minas*. 2008



\_\_\_\_\_ & CASTRO, Michele Ap<sup>a</sup>. de. *As Matrizes Psicossociais do Sofrimento Humano*. Disponível em: <<http://www.estadosgerais.org/terceiroencontro/castrocaniatomatrizes.shtml>>. Acesso em: 10 de jul. de 2004.

CARONE, Iray. De Frankfurt á Budapeste: os paradoxos de uma psicologia de base marxista. *Psicologia-USP*. São Paulo. vol. 2 n.(1-2), p. 111-120. 1991

CHOMSKY, Noam. *11 de setembro*. Trad. L. A. Aguiar. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

COIMBRA, Cecília. *Operação Rio-o mito das classes perigosas: um estudo sobre a violência urbana, a mídia impressa e os discurso de segurança pública*”. Niterói-RJ: Editora Oficina do Autor e Intertexto de Niterói., 2001

DEJOURS, C. *A banalização da injustiça social*. 3.ed. Trad. Luiz Alberto Monjardim. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. 160p. Título Original: Souffrance en France: la banalization de l'injustice social

FIGUEIREDO, Luiz Claudio. *Adolescência e Violência: Considerações sobre o caso brasileiro*. In: David Léo Levisky (org). *Adolescência pelos Caminhos da Violência*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998. p. 53-63.

\_\_\_\_\_. *Revisitando as psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos*. São Paulo: EDUC; Petrópolis: Vozes, 1995.

FREUD, S. *Lo siniestro*: In: *Obras Completas*. Tomo III. 4 ed. Madrid, Biblioteca Nueva, 1981a. p. 2483-2505.

\_\_\_\_\_. *Más allá del principio del placer/1920*: In: *Obras Completas* .Vol.I. Madrid, Biblioteca Nueva. 1948. p. 1089-1117

\_\_\_\_\_. *El Malestar en la Cultura./1930*. *Obras Completas de Sigmund Freud*, Tomo III. Cuarta edición, Madrid : Biblioteca Nueva,. 1981b. p.3018-3087

\_\_\_\_\_. *El porvenir de una ilusión*. In: Sigmund Freud- *Psicología de las Masas*., 6<sup>a</sup> reimpresión, Madrid: Alianza Editorial, Biblioteca Freud. 2005. p.145-202.

\_\_\_\_\_. *Psicología de las Masas./1921* In: Sigmund Freud- *Psicología de las Masas*., 6<sup>a</sup> reimpresión, Madrid: Alianza Editorial, Biblioteca Freud. 2005. p. 7-84.

LAFER, C. O. O anti- semitismo, os judeus e o Mundo Moderno. In: Hanna Arendt: *Pensamento, Persuasão e Poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (p.39-55) (Coleção O Mundo Hoje, 35).

LEONTIÉV, Aléxis. O homem e a Cultura. In: \_\_\_\_\_ *Desenvolvimento do Psiquismo*. Trad. Manoel Dias Duarte. Lisboa: Horizonte Universitário, 1978. p. 259-284.

MARIOTTI, H. *A Era da Avaréza: a concentração de renda como patologia bio-psico-social*. Trabalho apresentado na Associação Pala Athena. Ciclo de Estudos: as dores da alma. São Paulo, 20 de out. 2000.

MELLO, S.L. & PATTO, M.H.S. Psicologia da Violência ou Violência da Psicologia?. *Psicologia USP*, São Paulo, out/dez.2008. 19(4).591-594.

PRIMO LEVI. *Os afogados e os sobreviventes*. 2 ed. [Sommersi e i Salvati]. Trad. Luiz Sergio Henriques. São Paulo: Paz e Terra. 2004

RAMONET, Ignacio. *Resistência*. Le monde diplomatique. Editorial. [s. l.], [s. d.]. Edição brasileira. Ano 5, nº 52. Disponível em: < <http://www.diplo.com.br/aberto/matéria.php?id=911>>. Acesso em: 5 de mai. de 2004.

SENNETT, R. *A corrosão do caráter: as conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. 5.ed. Trad. M. Santana. Rio de Janeiro: Record, 2001.

VELHO, G. *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar.1987.